



# O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 299

Domingo (Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta) SERIE  
26 (Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros) 66.\*

## O MEIRINHO.

Fortaleza, 26 de Agosto de 1883.

### ROUBO LITTERARIO.

É esgrovinhado, o verdadeiramente abuzivo o lugubre procedimento em o qual se prendem certos escriptores, fugindo de, sob os seus productos litterarios, collocarem extensamente os seus nomes.

Em cezar-mos tal, é-nos sobrada a razão; pois que temos em nossas mãos um quadro tristonho, o qual nos impõe que, aos tribunaes da litteratura Cearense levemos um crime tão extrahordinario e irrisorio, sendo o seu autor um tal R. S., mais ou menos conhecido entre nós.

Teve o triste arrojo, o Sr. R. S. de, lendo uma poesia sob o epitheto — *Eu gosto de te ver*, assignada esta pelo seu proprio dono — João Alberto e publicada no *Monitor Campista* N.º 172 de 30 de julho do anno passado, tomal-a como sua e publical-a no *Cearense* de 30 de maio d'este anno.

É horroroso o procedimento do Sr. R. S. E cremos que sempre se proceda assim em todos os cantos do mundo; si bem é que existam escriptores que receiam de, sob as suas produções, collocar por extenso o nome.

Os saheadores só buscam os lugares mais silenciosos e dizertos; assim também acontece com os escriptores que de uzar gostam os philogrammas ou iniciaes do nome, sob o escripto.

Immenso desejo tinhamos em transcrever o protesto do verdadeiro dono da poesia, o Sr. João Alberto; porém nos faltando o espaço, apresentamos, apenas, aos nossos leitores a poesia, da qual deseja ser senhor o celeberrimo R. S.

Ella é :

### EU GOSTO DE TE VER

(A Ló-Ló)

Eu gosto de te ver sempre serena,  
Como da lua a pallidez amena,  
Em lago transparente;  
Como a brisa na veiga ciciando  
Quando á noite se agita, balouçando,  
E passa docemente.

Eu gosto de te ver sempre mimosa,  
Como as rubras pet'las d'uma rosa,  
Ainda... o botão;  
Como a estrella que surge peregrina,  
Lá nos páraos — em hora matutina,  
No tibio clarão.

Eu gosto de te ver sempre sombria,  
Co'esse olhar tão grato de magia,  
Voltendo languroso;  
Como a onda que mansa se desmata,  
Beijando docemente além a praia,  
Em dia bonançoso.

Eu gosto de te ver sombria, esquivia,  
Co'esse porte que tanto me captiva,  
E me seduz d'encanto;  
E mais então, men-anjo, eu gostaria,  
Se pudesse... no impeto de alegria,  
Beijar-te o collo santo.

Macahé — Maio — 1882.

João Alberto.

Muito triste acção commetteo o rato-neiro versejadôr; e não tema jamais em apresentar-se ao mundo luminosa das letras como prototipo natural do engrandecimento litterario de sua patria.

E em nosso poder o *Monitor Campista*, jornal este onde se lê o protesto contra a ladroelra do Sr. R. S.

Os nossos leitores terão o direito de virem a esta Redação, si desejarem, afim de directamente presenciarem a phthizica ladroelra extrebuchando-se sobre a face do direito e da verdade.

## ALBUM DA CRITICA.

Leitores e leitoras do *Meirinho* ! —  
Prompto, lesto e agudo !..

Estou os comprimentando, e muito  
dispostinho a dizer alguma coisa, muito  
embora meu mundo fique no aço com-  
migo.

Mãos á obra.

Leitores, vou começar

Pelo principio. . . Está dito.

Atenção! ouvido attento!

Ouçam lá fallar bonito.

§

Afinal chegou o homem do *facão gran-  
de*, ou o *Exc.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Satyro de Oli-  
veira Dias*, presidente nomeado para esta  
provincia.

Chegou n'um dia e no outro tomou  
logo conta da administração.

Já tive o gostinho de vel o de perto:  
no dia de sua posse.

É um typo até não lá muito feio: é  
sympathico.

Dizem que é homem de tino, quero  
dizer: *entende do riscado*.

Deos permitta que o pregador não min-  
ta, como dizia o outro.

Se o pregador não mentir

A provincia está mui bem;

Além de ter bom governo

Até medico tem tambem.

§

Afinal está confirmada a nomeação do  
*Manivão* para o juizado de direito de  
Jaguaribe-meirim.

É uma desgraça, é verdade; mas  
pelo menos vai nos favorecer com a sua  
ausencia, o que é bom que dóe.

Diabos o leve!.. Ha mais tempo!..

*Puza barro, Manivão,*

Vae te logo para o *Orco*,

Pois aqui já cauza tedio

Uma tel *ultima de porco*.

§

O *Manivões* não quiz ir-se embora  
sem nos deixar uma lembrança sua.

Não sabendo, porém, como havia de  
isso fazer — lembrou-se de demittir o *Pe-  
dreira* e *encachar* no seo lugar um seo  
parente tambem *manivoa*, que, segundo  
dizem, — é, além de doente, — *idiota*.

Isto é mais que immoralidade, é es-  
candalozo!

Demittir um empregado zelozo e com-  
pridor de seus deveres para se arranjar um  
*filhote*!? Só o um *Manivão* lembrava

semelhante couzu!..

É bonita uma policia

Feita por um *aleijão*!

Isto só lembra a uma *besta*.

Do calibre — *Manivão*...

§

Pelo que vemos, o *gato* sempre *comeo*  
os juizados de direito do *Zé Ladislão* e  
*Paivícula*.

Pelo menos até agora o *fio arame* sin-  
da nada disse a tal respeito; e se já disse  
— não me consta.

É muito bem feito que isso succeda,  
pelo menos ao *Paivícula*, para elle não  
ser *judas*.

Pelo gesto qu'eu estou vendo

O *Paivinha* e *Ladislão*

Têm de ficar tocando

*Reatejo* e *marimbão*.

§

Lendo no *Libertador* — que só 14  
*miranhas* foram receber o *Dr. Satyro de*  
*Oliveira*, oppuz a isso os meos embargos,  
apesar de conhecer a pequenez do partido  
da *Therezinha*.

Mas, qual não foi o meo assombro  
vendo na posse da presidencia o grande  
numero de — CINCO e mais DOIS *mi-  
ranhas*, acompanhando a *S. Exc.<sup>a</sup>*!?

É preciso saber se — que para comple-  
tar esse numero foi preciso contar se com  
o *Tonico* e o *Dr. Rapadura*...

Ka desgraça, mestre!

Assim mesmo estes *miranhas*

Querem fazer — *figurão*!

Mas hão de fazer *figura*,

Porém só de — *papelão*!

§

O *Arroz*, depois que metteo-se na po-  
litica e foi *forjado* juiz do paz (em falta de  
gente), anda desesperado para *cazar-se*.

Segundo dizem os *meninos do gaz*,  
elle pretende aqui certa *menina* a *chica*;  
porém que esta tem lhe uma *avaração* es-  
pantosa: não quer vel o — *nem pintado*.

Mas o *animalejo* é pertinaz, pois, ape-  
sar de saber d'isto, — ainda não mudou  
de rumo.

Aqui p'ra nós, leitores: a *menina* tem  
razão!.. O *Arroz* é uma entidade que  
cauza tedio até ao seo parente *Piolho*:  
não conta mesmo uma *aleijão* nesta ter-  
ra!.. E, depois... que ganha ella com  
isso?

Assim, *menina* de saude!

Gosto de vêr uma *moça*

Que o amor não sacrifica

A qualquer um *Aguaraz*,  
Essa especie de peitica.

§

P'ra variar, leitores, volto hoje ao  
sarué, o namorado da fogalet da B. Vista.

Este seo *Manêles* anda fazendo de ma-  
riposa, isto é, atroz das chamas de  
uma fogueira, que será a causa de sua  
morte.

Novo em namoro, ou inesperiente ain-  
da, — não sabe onde e com quem está  
mettido!

Eu bem tenho avizado; e quem me  
aviza — meu amigo é, como lá dizem.

Seo *sarué*, seo *Manêles*

Se mire bem no *espelho*,

P'ra depois não vir dizer-me —

Foi por falta de conselho.

§

O namoro n'esta terra

Anda em *cavalho de tallo*:

A velha, a moça, a menina

Faz *arranjo* — á pé de gallo

Na rua do Senador,

No *quarteirão do telegra*,

Se namora — á pé de gallo,

Ou mesmo — fóra da regra.

Começa ali o *derrico*

Das 9 horas p'ra mais ...

A *typa* é — á pé de gallo,

A pé de gato é o rapaz.

§

Ainda estão longe as eleições provin-  
ciais e já os candidatos começam a appa-  
recer.

É serio!

O *Mendonça* de *Arronches* já está pre-  
parando terreno; e diz — que d'esta vi-  
agem não ha de subir-se mão, pois está  
disposto a gastar assim obra de dois con-  
tecto com a sua eleição, agora o que hão  
de gastar os — amigos.

E eu creio que elle pensa bem, porque:  
cu qu'elle gasta, cu dos amigos, cu o  
mais ha de haver, ... dá certo, no fim.

Este *Mendonça*, leitores,

É mesmo um *Mané Mendonça*;

É tem coragem até

De cavalgar uma onça.

§

O *Arraz* também, leitores, está traba-  
lhando também para o mesmo fim, e mes-  
mo a força de 60 cavallos.

E para isso já expedio *circulares* aos  
seos parentes e amigos.

Este *Arraz* parece que não tem bom bol-  
la!?

Quem foram que te metteram na ca-  
beça que havias de seres deputado, mestre  
*Cúruja*!!!

Tenho dito e tá dizido,

Tenho dizido e direi:

O *Arraz* é deputado

Quando o *Libera* fór rei!

§

« Mulher não caza com carrapato por-  
que não sabe qual é o macho. »

Está dito!

E tanto isso é verdade que o *Adolpho*  
*reles do cão* — está namorando na rua  
*Formosa*, e namorando mesmo á pé  
*queimados*!

Mas é preciso não ter-se o que fazer ou  
estar-se desenganado do mundo para dar-  
se palha a um semelhante *bipede*!

Credo, alma!

Menina, tome um conselho,

Por vidinha de seo olho:

Se ha de amar o *Adolpho*,

Antes namore o *Piolho*.

§

Algumas meninas do G. Sampaio bota-  
ram p'ra riba com o *Meirinho* passado,  
apezar d'elle nada ter dito — de mão —  
sobre ellas.

São gostos!

Não se afflijam, corações de pomba-  
rola, porque a couza quando tiver de che-  
gar por lá — vae, e vae mesmo á pé es-  
palhado.

Minhas santas, meos anjinhos,

Não precisam se veixar;

Demorem a procissão

Que o anjinho vae mijar.

§

MOTTE.

Seo *Claudio*, cara de choro,

Pague a sua assignatura.

GLOZA.

Já me cauza dezadono

Vêr n'um *Bond* empoleirado

Um *typo* mui *desbriado* —

— Seo *Claudio*, cara de choro.

E mais inda o dezafono

Desse *traste* sem ventura,

Indecente e má figura,

Que com nosco quer brincar!

Coiza ruim, pife, sem per —

— Pague a sua assignatura!

§

Recado.

— Senhor *Theofilo Olegario*:

Este tem por fim sómente



Fazel-o muito sciente  
Do reguante. — Escute lá:  
Se quizer continuar  
A lêz nosso jornalito  
Faça com nosco um bonito,  
P' rêm isto já e já

Vosmincé muito bem sabe  
Que ninguem é seo paizinho  
Para lhe dar o Meirinho  
De bobes à Nicolão;  
Por isso — sem mais preambulo —  
Pague a sua assignatura,  
Do contrario a piza é dura,  
E está aqui... está no pão!

§

Tenho dito.

Vou fazer ponto final,  
Pois é isto sou forçado;  
Se estive bom ou ruim  
Desde já—muito obrigado

O Bispo.

## GALERIA DO POVO.

### MOTTE.

(A D. E. ....)

Antes casar com o Piolho  
Do que casar com o Arraz.

### GLOZA.

Antes comer forte molho  
Da pimenta malaqueta.  
Ou viver n'uma grilheta:  
—Antes casar com o Piolho!  
Antes perder mesmo um olho,  
Morrer até de um antra;  
Mesmo em falta de rapa;  
(A minh'alma a ti confessa):  
Dez vezes—morrer na pessa—  
—Do que casar com o Arraz.

25 — 8 — 83.

Fra Diabolo.

### TRIOLET.

É medico o seu presidente  
E o pice é boticario!  
Chegue quem estiver doente...  
É medico o seu presidente!  
Bravos! Não mais morro gente,  
Sendo o estado sanitario!  
E medico o seu presidente,  
E o pice é boticario

Ego.

## A PEDIDO.

### O VICIO.

D'entre todos os vicios o mais pernicioso é o de  *mascar fumo*.

O homem, apesar de sua construção forte, muitas vezes succumbe ás consequências de tão perigoso habito.

Mas não é d'elle que vamos fallar; é das mulheres em geral que, em sua quasi totalidade,  *mascão fumo*, a titulo de *limpar os dentes*.

Uma mulher dissoluta, que diariamente  *masque fumo*, vá; porque ella já perdeu honra, pudor e dignidade.

Uma respeitavel matrona (ou mesmo sem respeito), que goste de  *mascar seo rolo de Mapinguim* — não é tão censurada, porque já ninguem a *pretende*. Só o pobre marido é que desejaria passar uma noite com a cabeça dentro do tambor da machina de cortar tabaco do Bernardino Placido, a dormir ao lado de sua porca-llhona esposa.

A moça, o symbolo da pureza e castidade, passar das 6 horas da manhã ás 10 da noite com 4 vintens de  *Baipeudy*, na janella, esfregando os dentes, não tem desculpa e nem qualificação.

Muitas dellas se nos assemelha áquelles *typos* magros da *secca* pela falta de osseio no rosto. Seus labios, que podião ser cor de rosa, parece com o *fundo* de um *be-zerro*, que sofre *diarrhêa*.

Não queremos avançar em dizer que estas *mascadeiras* já perderam o pudor; mas limitamo nos em dar um conselho:

Quando vos vier o desejo de  *mascar um rolo de fumo*, lance mão d'elle, e com toda firmeza o introduzi no orificio recto que vos fará melhor proveito.

Vulturemos.

Justus.

Ultima hora.

Na rua do S. Pompeu existe um *montão* de namorados, que já perderam o *verniz* da *citra* e vivem desbragadamente desrespeitando a *Dona* moralidade! Cuidado, *ty-pas*, muito cuidado!

Ah!... ia me esquecendo, que ali ha *tambem montões de alcoviteiras*, como no tempo da *secca* havia *montões* de cadaveres assolado pela *bexiga*!... Isto é muito desolôro.

Ceará, rua da Palma 116 — Typ. Ameri-  
cana — Imp. por T. E. de Almeida.